



XII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"



20 a 22 de Setembro de 2018 São Cristóvão/SE/Brasil

ISSN: 1982-3657 | PREFIXO DOI 10.29380

Recebido em: **11/07/2018**

Aprovado em: **13/07/2018**

Editor Respo.: **Veleida Anahi - Bernard Charlort**

Método de Avaliação: **Double Blind Review**

Doi: <http://dx.doi.org/10.29380/2018.12.15.13>

O TRABALHO DOCENTE COM A PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

EIXO: 15. ESTUDOS DA LINGUAGEM

JOSEVAL DOS REIS MIRANDA, KAREM MACIEL

Resumo: O presente trabalho teve como objetivos compreender como as professoras do ciclo de alfabetização desenvolvem por meio da psicogênese da língua escrita, a organização do seu trabalho pedagógico, analisar qual a concepção sobre a psicogênese da língua escrita na visão das professoras do ciclo de alfabetização e identificar quais as dificuldades que as professoras encontram para desenvolver atividades no ciclo de alfabetização. As participantes da pesquisa foram professoras do primeiro, segundo e terceiro anos de uma escola municipal de João Pessoa-PB. Como metodologia de pesquisa, foi priorizada a abordagem qualitativa, fazendo uso de observação e entrevista semiestruturada. Nossos aportes teóricos foram os estudos de Ferreiro e Teberosky (1985), Soares (1990, 2003, 2004, 2009), Tfouni (1995) entre outros. Os resultados da pesquisa apontam que o trabalho com a psicogênese da língua escrita não é frequente, só acontece na sala de aula do segundo ano; as visões e práticas das professoras que participaram da pesquisa acerca do trabalho com a psicogênese da língua escrita no processo de alfabetização, são bem distintas; a pesquisa ainda ratificou a importância de trabalhar com atividades que avaliem e estimulem a aprendizagem da língua escrita dos alunos; e também a pesquisa aponta a necessidade de formação continuada para as professoras que atuam no ciclo de alfabetização.

Palavras-chave: Psicogênese da língua escrita. Ciclo de Alfabetização. Trabalho docente no ciclo de alfabetização.

Resumen: El presente trabajo tuvo como objetivos comprender cómo las profesoras del ciclo de alfabetización desarrollan por medio de la psicogénesis de la lengua escrita, la organización de su trabajo pedagógico, analizar cuál es la concepción sobre la psicogénesis de la lengua escrita en la visión de las profesoras del ciclo de alfabetización e identificar las dificultades que las profesoras encuentran para desarrollar actividades en el ciclo de alfabetización. Las participantes de la investigación fueron profesoras del primer, segundo y tercer años de una escuela municipal de João Pessoa-PB. Como metodología de investigación, se priorizó el abordaje cualitativo, haciendo uso de observación y entrevista semiestruturada. En el caso de las mujeres, la mayoría de las veces, la mayoría de las mujeres, Los resultados de la investigación apuntan que el trabajo con la psicogénesis de la lengua escrita no es frecuente, sólo sucede en el aula del segundo año; las visiones y prácticas de las profesoras que participaron en la investigación acerca del trabajo con la psicogénesis de la lengua escrita en el proceso de alfabetización, son bien distintas; la investigación aún ratificó la importancia de trabajar con actividades que evalúen y estimulen el aprendizaje de la lengua escrita de los alumnos; y también la investigación apunta la necesidad de formación continuada para las profesoras que actúan en el ciclo de alfabetización.

Palabras clave: Psicogénesis de la lengua escrita. Ciclo de Alfabetización. Trabajo docente en el ciclo de alfabetización.

Introdução

Tendo em vista que a alfabetização é um processo que precisa ser construído por meio de teorias e práticas que orientem o trabalho do professor como atuante desse ciclo de alfabetização, nos dias atuais, muitas são as teorias de aprendizagem que buscam compreender e esclarecer sobre como a criança aprende.

Dessa forma, percebemos que é quase impossível tratar sobre a alfabetização de crianças na atualidade, sem fazer referência aos estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, sobre a teoria da psicogênese da língua escrita. Isso porque, essa teoria teve grande impacto e relevância na América Latina e no Brasil, causando uma completa mudança de conceito em relação à forma de

aprendizagem da escrita pela criança. Ao estudar a gênese psicológica da compreensão da língua escrita na criança, Ferreiro (1985) nos ajuda a compreender os processos que ocorrem na criança até que a mesma atinja a fase da alfabetização. Tal compreensão da teoria da psicogênese da língua escrita pode ser uma grande aliada para a construção da prática pedagógica do professor.

Fundada em princípios piagetianos, essa teoria foca no processo de construção da escrita como um sistema de representação da linguagem, concebendo a criança como protagonista do seu próprio aprendizado. O educador, por sua vez, precisará compreender todo esse processo de construção, para poder intervir de forma competente nas hipóteses elaboradas pela criança.

Essa investigação nasce a partir da concepção de que a aquisição da língua escrita se baseia na atividade da criança em interação com o ambiente escolar, o que a criança já traz de seu meio cultural, e o trabalho dos professores atuantes do ciclo de alfabetização, período este que corresponde ao período em que os alunos estão sendo alfabetizados.

Para nós educadores, pensar sobre a alfabetização tem que ser levado a sério. É papel de o educador iniciar o processo de aquisição da leitura e escrita na criança, e ter uma formação continuada é fundamental para que possa que sua prática pedagógica seja melhorada.

Não poderíamos deixar de mencionar que desenvolvemos a nossa pesquisa por meio da abordagem qualitativa de pesquisa, utilizando a observação e a entrevista semiestruturada, a nossas participantes da pesquisa foram três professoras, sendo uma do primeiro, uma do segundo e uma do terceiro ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de uma escola municipal de João Pessoa-PB.

Assim, a seguir tecemos reflexões sobre a alfabetização e o letramento, a relação com a psicogênese da língua escrita e trazemos também os dados emanados da nossa pesquisa.

Reflexões sobre as concepções de Alfabetização e Letramento

Sabemos que uma educação de qualidade começa nos Anos Iniciais do ciclo de alfabetização, e ao refletir sobre a qualidade desta educação na leitura de alguns artigos, encontramos um grande problema em comum entre eles: muitos educadores confundem o sentido destes dois processos, muitos acham que alfabetização e letramento tem o mesmo significado, com isso acabam por não exercer um bom trabalho no ciclo de alfabetização.

O Brasil é um país com elevado número de analfabetos, tanto de crianças como de outros indivíduos que não tiveram acesso à escola, bem como não foram oportunizadas as práticas de leitura e escrita. Sendo assim, a alfabetização é um dos momentos mais importantes da formação escolar de uma pessoa, assim como o desenvolvimento da escrita. Atualmente as discussões/abordagens têm aumentado acerca da Alfabetização e do Letramento, haja vista que são processos distintos, mas que estão associados.

A alfabetização já é bastante familiar, pois desde a época do Brasil Colônia evidenciava as abordagens acerca da mesma, a palavra letramento é recém-chegada ao vocabulário da educação, apareceu na nas últimas décadas do século XX. Sendo assim, surgiram várias indagações e inquietações voltadas para o citado tema, para responder a essas angústias tem crescido cada vez mais o número de pesquisas que abordam essa temática, tendo em vista que são processos de fundamental relevância no âmbito escolar.

A alfabetização é um processo no qual o indivíduo assimila o aprendizado do alfabeto e a sua utilização como código de comunicação. Esse processo não se deve resumir apenas na aquisição dessas habilidades mecânicas (codificação e decodificação) do ato de ler, mas na capacidade de

interpretar, compreender, criticar e produzir conhecimento. A alfabetização envolve também o desenvolvimento de novas formas de compreensão e uso da linguagem de uma maneira geral.

Para, além disso, Soares (2009, p. 31) menciona que “a alfabetização é a ação de alfabetizar, de tornar alfabeto”. Ao longo do tempo, o conceito de alfabetização evoluiu, tentando responder as necessidades da sociedade. Da visão inicial de como ensinar a ler e escrever até as concepções mais atuais, que defendem a construção do conhecimento pela própria criança, sendo o alfabetizador seu mediador, houve um período cronológico extenso.

Etimologicamente o termo Alfabetização, não ultrapassa o significado de “levar a aquisição do alfabeto”, ou seja, ensinar o código da língua escrita, ensinar as habilidades de ler e escrever; pedagogicamente, com reflexos indesejáveis na caracterização de sua natureza, na configuração das habilidades básicas de leitura e escrita, na definição da competência em alfabetizar. Por isso podemos então acreditar por alfabetização, em seu sentido próprio e específico, como processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita.

Soares (1990) em sua concepção de alfabetização, envolvendo ideias construtivistas a respeito da realidade da criança e/ou adulto, seu desenvolvimento pessoal e crescimento como cidadão sintetiza que:

Alfabetizar é propiciar condições para que o indivíduo-criança ou adulto tenham acesso ao mundo da escrita, tornando-se capaz não só de ler e escrever, enquanto habilidade de decodificação e codificação do sistema de escrita, mas, sobretudo, de fazer uso real e adequado da escrita em todas as funções em que ela tem em nossa sociedade, também como instrumento de luta pela conquista da cidadania (SOARES, 1990, p.17).

Alguns educadores explicam que a alfabetização, por muitas vezes, está sendo mal entendida, como afirma Tfouni (1995) que define a alfabetização de duas formas: um processo de aquisição individual de habilidades requeridas para a leitura e escrita, ou como um processo de representação de objetos diversos, de naturezas diferentes. O mal-entendido que parece estar na base da primeira perspectiva é que a alfabetização é algo que chega a um fim, e pode, portanto, ser descrita sob a forma de objetivos instrucionais.

Saber ler e escrever muitas palavras não é o bastante para capacitar o indivíduo para a leitura diversificada, é necessário saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz. Então, o nome letramento surgiu mediante a esta nova constatação.

Letramento é uma palavra com um conceito recente, introduzidos na linguagem da educação e das ciências linguísticas, há aproximadamente um pouco mais de duas décadas no século XX no ano de 1986, e seu surgimento pode ser interpretado como decorrência da necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita.

A palavra letramento ainda não está dicionarizada, porque foi introduzida muito recentemente na língua portuguesa, tanto que quase podemos datar com precisão sua entrada na nossa língua, identificar quando e onde essa palavra foi usada pela primeira vez.

De acordo com as pesquisas realizadas, constatou-se que uma das primeiras menções feitas deste termo ocorreu no livro de Mary A. Kato: No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística, de 1986. Seu livro tem o objetivo de destacar quais aspectos de ordem psicolinguística estão envolvidos na aprendizagem da linguagem escolar de crianças.

Com relação à função social do letramento no ambiente escolar Kato (1986, p. 7) ressalta que “acredito que a chamada norma padrão, ou a língua falada culta, é consequência do letramento, motivo porque, indiretamente é função da escola desenvolver no aluno o domínio da linguagem falada e institucionalmente aceita”. Vejamos que Kato (1986) associa o termo letramento ao comando individual do uso da linguagem escrita. Este está intimamente ligado à habilidade de usar a língua na sua variedade culta, pois a norma-padrão seria “consequência do letramento”. Pode-se inferir desse contexto que é letrado aquele que domina essa variedade da língua.

A palavra letramento é uma tradução para o português da palavra inglesa *Literacy* “condição de ser letrado”. Assim, letramento é o estado ou a condição de quem responde adequadamente às demandas sociais pelo uso amplo e diferenciado da leitura e da escrita (SOARES, 1998, p.49).

Letramento é o resultado da ação de ensinar a ler e escrever. É o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. É usar a leitura e a escrita para seguir instruções (receitas, bula de remédio, manuais de jogo), comunicar-se (recado, bilhete, telegrama), divertir e emocionar-se (conto, fábula, lenda) informar (notícia) e orientar-se nas ruas (os sinais de trânsito) e no mundo (a Atlas).

Sabemos que as crianças que estão inseridas em ambientes ricos em experiências de leitura e escrita, não só se motivam para ler e escrever, mas, começam desde cedo, a refletir sobre os materiais de escrita que circulam nos ambientes a qual frequenta. O letramento tem início quando a criança começa a conviver com as diferentes manifestações da escrita na sociedade e se amplia cotidianamente por toda vida, com a participação nas práticas sociais que envolvem a língua escrita.

Do ponto de vista da dimensão social, o letramento é um fenômeno cultural relativo às atividades que envolvem a língua escrita. A ênfase recai nos “usos, funções e propósitos da língua escrita no contexto social” (SOARES, 2009, p. 19).

Kleimann (2005) define o letramento com a seguinte observação:

O letramento abrange o processo de desenvolvimento e o uso dos sistemas da escrita nas sociedades, ou seja, o desenvolvimento histórico da escrita refletindo outras mudanças sociais e tecnológicas, como a alfabetização universal, a democratização do ensino, o acesso a fontes aparentemente ilimitadas de papel, o surgimento da internet (KLEIMAN, 2005, p. 46).

Vejamos que o letramento envolve múltiplas capacidades e conhecimentos, muitos dos quais não têm necessariamente relação somente com a leitura escolar, e sim com a leitura de mundo, visto que, o letramento inicia-se muito antes da alfabetização, ou seja, quando uma pessoa começa a interagir socialmente com práticas de letramento no seu mundo social.

Um grande problema é que a maioria das pessoas se preocupa com alfabetização sem se preocupar com o contexto social em que os alunos estão inseridos. A escola, além de alfabetizar, precisa dar as condições necessárias para o letramento. E um dos pontos importantes para letrar, é saber que há distinção entre alfabetização e letramento, entre aprender o código, e ter habilidade de usá-lo. Essa compreensão é o grande problema nas salas de aula. As crianças precisam ser alfabetizadas convivendo com material escrito de qualidade. Assim, a criança se alfabetiza sendo, ao mesmo tempo, letrada.

É possível alfabetizar letrando por meio da prática da leitura e da escrita. A hipótese de que se tornar letrado é também se tornar cognitivamente diferente: uma pessoa letrada passa a ter uma forma de pensar diferente da forma de pensar de uma pessoa analfabeta ou iletrada.

Para isso, Soares (2003), diz ser preciso usar jornal, revista e livro. Sobre as antigas cartilhas que ensinavam o 'Vovô viu a uva', a educadora afirma que muitas crianças nunca viram e nem comeram uma uva. "Portanto, é necessária a prática social da leitura que pode ser feita, por exemplo, com jornal, que é um portador real de texto, que circula informações, ou com a revista ou, até mesmo, com o livro infantil".

O letramento não é só de responsabilidade do professor de língua portuguesa ou dessa área, mas de todos os educadores que trabalham com leitura e escrita em todas as disciplinas do currículo escolar. O Professor (a) é o mediador dessa prática, não pode apenas ser visto como aplicador de um método deste processo. Dessa forma, cabem aos professores, responsáveis pelo ensino da leitura e da escrita, oferecer oportunidades de acesso à cultura escrita, ampliando as capacidades e as experiências das crianças de modo que elas possam ler e escrever com autonomia.

Assim, com base nisso, nós na posição de educadores ou futuros educadores, devemos pensar que se faz necessário que, por meio das práticas alfabetizadoras, os educadores contemplem, de maneira articulada e simultânea, os processos de alfabetização e letramento, ou seja, a apropriação do sistema alfabético e ortográfico e o uso da língua em práticas sociais de leitura e escrita, ampliando seus saberes linguísticos a partir do uso reflexivo da língua nas variadas situações de seu funcionamento, isso fica mais evidente no próximo tópico que veremos a seguir.

Uma Relação entre Alfabetização e Letramento

A alfabetização, como já mencionado, se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo ou grupo. Enquanto o letramento é o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita. Ainda quanto às diferenças entre letramento e alfabetização é necessário alertar que, estes dois processos estão diretamente ligados, contudo, devemos separá-los quanto ao seu abarcamento, devido as suas distinções já mencionadas anteriormente.

Há verificações de que a concepção de alfabetização também reflete diretamente no processo de letramento. Por outro lado, o que também se observa é que, com frequência, estes dois termos, de maneira confusa têm sido fundidos como um só processo, provavelmente devido ao fato de o conceito de letramento ter sua origem numa ampliação do conceito de alfabetização. Essa confusão implica no exercício de um ou de outro, ao saber de algumas distinções básicas destes dois, percebemos que estes processos caminham juntos.

É necessário reconhecer que, embora distintos, alfabetização e letramento são indissociáveis: a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita por meio de atividades de letramento;

este que por sua vez, só pode desenvolver-se por meio da aprendizagem do sistema de escrita. Na ambivalência dessa resolução conceitual, encontra-se o desafio dos educadores em face do ensino da língua escrita: o alfabetizar letrando.

Desenvolvendo a necessidade de associar a teoria e prática, a alfabetização e o letramento são fundamentos da educação e devem ser encarados como essenciais para que as crianças atinjam um nível satisfatório de compreensão do mundo. A conveniência da existência dos dois termos, que embora designem processos interdependentes, indissociáveis e simultâneos, são processos de natureza diferente, uma vez que envolve habilidades e competências específicas, implicando, com isso, formas diferenciadas de aprendizagem e em consequência, métodos e procedimentos diferenciados de ensino.

Segundo Magda Soares (2009):

Um adulto pode ser analfabeto e letrado: não sabe ler nem escrever, mas usa a escrita pede a alguém que escreva por ele, dita uma carta, por exemplo, e é interessante que, quando dita usa as convenções e estruturas linguísticas próprias da língua escrita (SOARES, 2009, p. 47).

Com relação a essa questão convivemos todos os dias com pessoas que possuem uma larga visão de mundo, e que nunca frequentaram uma escola. Podemos citar como exemplo, as pessoas que participam de movimentos sociais organizados, que sabem reivindicar para que tenham seus direitos garantidos, assumindo posicionamento e autonomia na construção e reconstrução de práticas discursivas e que são capazes de compreender a realidade à sua volta a partir das experiências e/ou convivências cotidianas e sociais.

Nesse contexto é imprescindível evidenciarmos que dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita se dá simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita: a alfabetização, e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividade de leitura e escrita: o letramento.

Não são processos independentes, mais interdependentes, e indissociáveis. Sendo assim, verificamos que a alfabetização e o letramento devem estar associados, sendo que a especificidade da alfabetização é a aprendizagem da leitura e da escrita através das relações de fonema-grafema, enquanto que o letramento pode anteceder essas habilidades através das práticas sociais de leitura e escrita.

Nos dias de hoje, sabemos que um indivíduo plenamente alfabetizado é aquele capaz de atuar com êxito nas mais diversas situações de uso da língua escrita. Dessa forma, não basta apenas ter o domínio do código alfabético, isto é, saber codificar e decodificar um texto (alfabetização): é necessário conhecer a diversidade de textos que percorrem a sociedade, suas funções e as ações necessárias para interpretá-los e produzi-los (letramento).

Nessa perspectiva, alfabetização e letramento são vistos como as duas faces de uma mesma moeda: “Enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócios históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade” (TFOUNI, 1995. p.20).

Outra consideração importante a ser feita é que “há diferentes tipos e níveis de letramento, dependendo das necessidades, das demandas do indivíduo e do seu meio, do contexto cultural” (Soares, 1998, p. 49). Portanto, o grau de letramento pode variar em decorrência da variação das oportunidades de participação em práticas sociais de usos efetivos da leitura e da escrita. Seria muito proveitoso que os professores compreendessem que alfabetização e letramento são processos inseparáveis.

Não é possível alfabetizar alguém dissociado de práticas sociais de uso da leitura e da escrita. Assim, como deveria ser função da escola o compromisso efetivo com o processo de alfabetização/letramento, cujo objetivo não deveria ser apenas ensinar a ler e escrever, mas também levar as crianças a fazer uso da leitura e escrita, envolvendo estes alunos em práticas sociais de leitura e escrita.

Práticas de alfabetização e letramento bem-sucedidas são aquelas que mediam a construção do conhecimento de seus alunos através do oferecimento de oportunidades reais de reflexão, possibilitando que os mesmos compreendam que escrever significa registrar o pensamento no papel. Além disso, sabem que precisam demonstrar a funcionalidade da língua escrita, preparando seus

alunos para o uso social da leitura e da escrita através do uso social das mesmas. Tais ações ampliam as capacidades linguísticas e cognitivas do sujeito que passa a ser considerado letrado. É assim que consideram importantes ter em sala de aula, portadores de textos de gêneros variados, ampliando os antigos conteúdos da alfabetização.

Muito se tem a fazer, se quisermos ver uma escola produtiva, com aprendizagens de linguagem significativas, ciente de que não precisa dissociar alfabetização e letramento. Em suma, “Alfabetizar Letrando” é um desafio permanente. Significa refletir sobre as práticas no mundo da escrita – ler, compreender e produzir textos –, interação e inclusão social.

O que é Psicogênese da Língua Escrita

Ao compreender o modo que se forma a inteligência infantil, podemos entender o complexo desenvolvimento da escrita. Neste capítulo serão discutidas as ideias de Ferreiro e Teberosky (1985) e aprofundadas por Grossi nos anos de 1990, que ao estudarem sobre os caminhos pelo qual a criança percorre para construir a escrita, mudaram seus conceitos sobre o procedimento na qual o professor deve elaborar o seu trabalho, para obter êxito no ciclo de alfabetização.

O que é Psicogênese No dicionário Aurélio a definição de Psicogênese “é a parte da psicologia que se ocupa em estudar a origem e o desenvolvimento”. Neste caso Ferreiro utilizou para o desenvolvimento da escrita.

A Psicogênese da Língua Escrita foi uma pesquisa realizada no final do ano de 1970, e expôs um novo conceito para elucidar o processo que a criança vivencia para aprender a escrever. Apresenta também que a pedagogia e a psicologia são companheiras neste processo. A pesquisa começa considerando que a criança apresenta um conhecimento prévio sobre a escrita antes de entrar na escola. O princípio do desenvolvimento da escrita é a situação apresentada pela criança no momento em está recebendo o ensino.

A escrita pode ser representada por vários signos linguísticos, desenhos, rabisco que podem ser interpretados.

Segundo Ferreiro e Teberosky (1985, p.10) “A escrita pode ser considerada como uma representação da linguagem ou como um código de transcrição gráfica das unidades sonoras”.

De acordo com a teoria da Psicogênese a criança vai evoluindo gradativamente durante seu contato com os sinais gráficos. Evolução esta que elas caracterizam em quatro grandes níveis: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético, sendo o silábico subdividido em dois estágios: silábico sem valor sonoro e silábico com valor sonoro.

Após analisarem em sua pesquisa que as crianças dos quatro aos seis anos seguem uma sequência lógica de alfabetização, Ferreiro e Teberosky elaboraram etapas de alfabetização, são elas: Nível de escrita pré-silábica, Nível de escrita silábica, Nível de escrita silábico-alfabética e Nível de escrita alfabética.

No nível de escrita pré-silábica, as crianças escrevem sem estabelecer qualquer correspondência entre a pauta sonora da palavra e a representação escrita. Escreve coisas diferentes apesar da identidade objetiva das escritas e relaciona a escrita com o objetivo referente (Ex. coloca mais letras na palavra ‘elefante’; do que na palavra borboleta - Realismo Nominal).

Já no nível de escrita silábica, é quando podemos observar a descoberta de que as representações escritas têm um vínculo com a pauta sonora da palavra: uma letra para cada sílaba; tantas letras quantas sílabas. No mesmo período - embora não necessariamente ao mesmo tempo - as letras

podem começar a adquirir valores sonoros silábicos relativamente estáveis as partes sonoras semelhantes entre as palavras.

O nível de escrita silábico-alfabética é o período que marca a transição entre os esquemas prévios em via de serem abandonados e os esquemas futuros em vias de serem construídos. Os conflitos provenientes do meio social desestabilizam a hipótese silábica e a criança tem coragem de se comprometer em um novo processo de construção.

No nível de escrita alfabética, a criança descobre que a sílaba não pode ser considerada como unidade, mas que ela é por sua vez, reanalisável em elementos menores. Neste momento, deve haver uma estruturação dos vários elementos que compõem o sistema de escrita. Trata-se de conhecer o valor sonoro convencional. Primeiro: pelo lado quantitativo não pode estabelecer regularidade duplicando a quantidade de letras por sílaba (já que há sílabas com uma, duas, três, ou mais letras). Segundo: pelo lado qualitativo, problemas ortográficos (a identidade de som não garante identidade de letras nem a identidade de letras a de sons).

Por fim, na fase alfabética, passa a dominar plenamente o valor das letras e das sílabas. Cada nível é constituído por um conjunto de condutas determinado pela forma como o sujeito vivencia os problemas em um momento do processo de aprendizagem. A superação dos níveis não depende da idade, mas das experiências vividas com o mundo da escrita. A passagem de um nível cognitivo para outro mais elevado não se dá porque foi atingido certo patamar de conhecimentos tidos como definitivos e estáveis, ao contrário, a passagem se dá porque se esbarrou em um obstáculo, que é a consciência de uma ignorância – a de que foram formuladas hipóteses insuficientes.

A Concepção das professoras sobre a Psicogênese da Língua Escrita.

Como já abordamos, a construção do conhecimento da leitura e da escrita tem uma lógica individual, embora aberta a interação social, dentro da escola ou fora dela. No processo de aquisição da língua escrita, a criança passa por várias etapas, com avanços e recuos, até se apossar completamente do código linguístico e dominá-lo. O tempo necessário para o aluno transpor cada uma das etapas é muito variável. Para isso, faz-se necessário que o professor pleno conhecimento sobre em que nível cada criança se encontra, para poder então trabalhar com atividades que possam intervir e contribuir na aprendizagem de todos os alunos. Assim, o educador poderá saber como agir para que a o processo de alfabetização se torne menos complicado.

Durante as entrevistas, questionamos as professoras sobre o que elas entendiam por psicogênese da língua escrita. E as respostas das professoras foram as seguintes:

Não tinha muita compreensão sobre o que seja a Psicogênese da escrita. Depois de pesquisar é que descobri que é quando a criança vai passando por várias fases enquanto escreve. Não se pode mais ensinar Ba+Be+Bi... Eu me alfabetizei através da cartilha, juntando as famílias, e já alfabetizei vários alunos ensinando assim., mas as coisas mudam né Não se pode mais ensinar assim. (Professora do terceiro ano)

É o trabalho que deve ser feito para sondar a escrita dos alunos e observar em que níveis cada um deles se encontram. Faço o teste através do ditado, não somente a cada bimestre, mais sempre procuro ver o desenvolvimento da escrita de cada um deles, e me sinto muito feliz quando eles avançam tanto em nível de escrita, como quando peço para que eles realizem uma leitura ao

longo das aulas. (Professora do segundo ano)

Confesso que não sabia o que era a Psicogênese da língua escrita até pouco tempo. Comecei a dar aulas no primeiro ano, ano passado, porque passei no concurso, então não havia aprendido na universidade nada que me ajudasse a aplicar essa metodologia quando estivesse trabalhando como professora. Então... eu fui pesquisar na internet, e aqui na escola nas reuniões de planejamento dos professores não há comunicação sobre essa sondagem que deve ser realizada com os alunos. (Professora do primeiro ano)

Percebemos na fala das três professoras, que somente a professora do segundo ano, mostrou compreensão sobre a psicogênese da língua escrita. A professora do primeiro ano mostrou-se um pouco inexperiente frente o seu conhecimento acerca da psicogênese da língua escrita, mas que já pesquisou para compreender o que deve ser feito nesse processo de alfabetização de seus alunos.

O entendimento da professora do terceiro ano mostra-se bem tradicional, como se ela acreditasse que ensinar através da fragmentação das palavras fosse “melhor” porque foi à forma na qual ela se alfabetizou e diz ter alfabetizado alguns alunos.

Diante da resposta dela, acreditamos ser necessário perguntar o porquê de ela enquanto educadora, acreditar que o método tradicional seria a melhor maneira de alfabetizar seus alunos. Diante disso, a resposta da professora foi essa:

Olha... Eu penso que quando a gente está na universidade, é tudo muito ilusório, a teoria é muito linda, mas na realidade os alunos mal aprendem de forma fragmentada, quanto mais fazer ditados sem silabar as palavras. Embora a escola diga que a nossa concepção teórica seja construtivista, eu vejo que o método tradicional nunca vai sair das minhas aulas. (Professora do terceiro ano)

Percebemos na resposta da professora que há equívocos, decorrentes da má interpretação que ela tem com relação à proposta construtivista de alfabetização. Com esse pensamento, a ação docente torna-se isolada em sala de aula, restringindo a prática pedagógica do professor a constante busca pela reprodução do conhecimento.

Diante disso, podemos constatar que mesmo nos dias atuais, os professores encontram-se despreparados, e pouco informados a respeito de como atuar em sala de aula utilizando esse novo conhecimento a respeito do percurso que as crianças fazem para se apropriarem do sistema de aquisição da escrita.

Soares (2004) parte da premissa que “a aprendizagem da leitura e da escrita é um processo que se faz por meio de duas vias, uma técnica e outra que diz respeito ao uso social”. Assim, não seria adequado trabalhar de forma fragmentada, já que mantém uma relação de interdependência. Nesse sentido, Soares afirma:

[...] que a alfabetização é uma parte constituinte da prática da leitura e da escrita, ela tem uma especificidade, que não pode ser desprezada. É a esse desprezo que chamo de “desinventar” a alfabetização. É abandonar, esquecer, desprezar a especificidade do processo de alfabetização (SOARES, 2004, p. 12).

Sendo assim, não é possível alfabetizar os alunos de forma fragmentada, se eles não são inseridos nas mais variadas práticas e materiais de leitura e escrita, as possibilidades de os alunos saírem plenamente alfabetizados e dominando a língua escrita, são mínimas.

A segunda questão que levantei para as professoras foi para saber como são desenvolvidas as atividades nas salas de aula de cada uma, considerando a etapa da escrita que cada um de seus alunos, se encontra de forma singular. E as respostas das professoras foram as seguintes:

Acredito que... como todos estão alfabetizados, eu sempre faço uso do livro de didático para seguir a metodologia que a escola impõe quando planejamos. Quando a maioria da turma avança eu parto para um novo conteúdo, se eu for fazer uso de atividades diferentes, a turma não sai do canto com relação aos conteúdos. Existem os alunos que são mais avançados e terminam rápido as atividades, para eles ficarem quietos e sem conversinha durante o horário de aula, eu peço que eles façam algum exercício do livro, ou quando tempo algo impresso, entrego para eles. Por isso não vejo necessidade de trabalhar com outros materiais, o que é passado a eles é suficiente. (Professora do terceiro ano)

Ah.. sim como professora que está alfabetizando, vejo que há uma necessidade de se trabalhar com diversos materiais que levem em consideração o desenvolvimento do aluno tanto na escrita como no processo de aprendizagem da leitura. Com eles é trabalhado o livro didático, faço uso de atividades utilizando os diversos gêneros textuais, e trago nas sextas algo que seja mais dinâmico como por exemplo; um bingo de palavras, cruzadinhas entre outras... Sempre faço a sondagem como te falei através do ditado mesmo. Para as alunas que ainda não chegaram no nível alfabético, eu geralmente durante as atividades em que elas estão com dificuldades, junto as duas em duplas e as ajudo. (Professora do segundo ano)

A minha sala ela é bem difícil, pois está chegando ao final do ano, embora tenha tentado nenhum aluno chegou ao nível esperado. Após compreender que a melhor forma de sondar a escrita deles é o ditado eu já fiz... mais eles escrevem letras ao contrário, alguns fazem desenho no lugar da palavra. Digo a você que não é fácil estar com essa responsabilidade, na minha turma do ano passado, foi bem mais fácil porque os pais me ajudam no trabalho de alfabetizar seus filhos, mais a demanda de alunos desse ano nada contribuiu. Para ensinar matemática às vezes é mais fácil do que ensinar a ler e escrever... Como pode Isso me preocupa bastante. Bom... sei que todos estão nos níveis pré-silábicos e o único avanço foi de que alguns alunos não desenhavam mais, e já reproduzem embora que um pouco torta ou ao contrário as letras, mais escrevem. (Professora do primeiro ano)

Podemos observar na fala das três professoras respostas bem diferente. A professora do terceiro ano acredita que o fato dos alunos estarem alfabetizados, implica na não necessidade de trabalhar com materiais que os estimulem mais na aprendizagem da língua escrita e da leitura.

Um pensamento bastante equivocado, uma vez que, é durante o ciclo de alfabetização, que o professor deve despertar em seus alunos o gosto pela leitura e escrita reflexiva.

Segundo Behrens (2011, p. 55-56), o docente “deve propor um estudo sistemático, uma investigação orientada, para ultrapassar a visão de que o aluno é um objeto e torná-lo sujeito e produtor do seu

próprio conhecimento”.

Na fala da professora do segundo ano, podemos ver bem claramente que ela busca fazer uso das mais diversas metodologias para que os alunos sintam vontade de continuar aprendendo cada vez mais, tornando-os ativos, críticos e reflexivos.

Na fala da professora do primeiro ano, percebemos que ela tem vontade que os alunos aprendam, porém, sua metodologia talvez seja o “X” de toda essa questão resultando do pouco avanço dos alunos, explicando o fato de nenhum estar alfabetizado.

Portanto, foi através da fala das três professoras que podemos ver então, o quanto a maneira como elas utilizam suas metodologias de ensino, interfere no aprendizado e na futura formação de cada um de seus alunos, tanto de forma positiva, como de forma negativa.

As dificuldades que são encontradas para o trabalho das professoras com a Psicogênese da língua escrita.

Partindo do entendimento de que a escola atualmente tem enfrentado vários desafios ao alfabetizar seus alunos, e que é importante que aprendamos a refletir e a sistematizar nossos próprios saberes e que aprendamos a coordenar sozinhos nossas ações e colocar à disposição o que sabemos para resolver os problemas encontrados.

Podemos observar através das falas das professoras o que elas consideram como as principais dificuldades encontradas para trabalhar com a psicogênese da língua escrita no processo de alfabetização.

Essa é bem fácil responder... a indisciplina, a falta de interesse por parte dos alunos nas minhas aulas. Vejo essas como as maiores dificuldades. (Professora do terceiro ano)

Para o trabalho com a Psicogênese, não encontro dificuldades, os alunos já conhecem a minha metodologia. Dificuldades eu encontro com relação a falta de materiais que a prefeitura não manda, nossa escola está sucateada, estamos imprimindo atividades para os alunos em folha de rascunho. Às vezes quando trago ao novo para os alunos, compro com meu próprio dinheiro o material. E isso não acontece somente comigo, com as demais professoras também. (Professora do segundo ano)

Minha maior dificuldade é conseguir planejar e executar atividades que alcancem os diversos níveis de desenvolvimentos dos alunos, a fim de conseguir alfabetizar os alunos da minha turma. E durante as reuniões eu peço ajuda dos pais, mais isso não acontece. (Professora do primeiro ano)

Mais uma vez, podemos observar na fala das professoras posicionamentos bem distintos com relação às dificuldades que elas encontram no ambiente escolar. Para a professora do terceiro ano, o fato dos alunos serem indisciplinados e não se interessarem por suas aulas são fatores que mais dificultam o seu trabalho em sala de aula.

Diante dessa questão, um dos fatores a ser considerado de grande relevância para o aprendizado é que, para os alunos de hoje, os bancos escolares não despertam interesse. Hoje em dia há, fora da escola, várias fontes de informações, consideradas mais atraentes, o que dificulta ainda mais o

trabalho do professor que, durante a sua formação, não recebeu instruções de como lidar com a questão de falta de educação, com o desrespeito, com a violência que ocorrem nas salas de aula.

Nas Universidades, em que se prepara para o exercício dessa profissão, o enfoque é para o plano de aula e para os conteúdos a serem trabalhados durante o ano letivo. Segundo Abou (2004):

[...] os docentes, durante o curso de formação, deveriam adquirir conhecimentos das principais tendências teóricas sobre educação, que em tese, fundamentariam a prática pedagógica e a postura do profissional diante do comportamento disciplinar de seus pares e demais envolvidos no processo pedagógico (ABOU, 2004, p.82).

Sendo assim, podemos ver que a atuação docente inadequada em sala de aula, é uma das causas da indisciplina. Se o professor não planeja aulas atrativas que se fazem necessárias nos dias de hoje, a indisciplina acontece. Existem muitas outras causas da indisciplina escolar, mas com base nos acontecidos da sala do terceiro ano, foi observado que a falta de planejamento e as aulas monótonas da professora são fatores determinantes.

Já na fala da professora do segundo ano, ela não vê problemas com seus alunos durante suas aulas. Ela crítica à falta de material para escola como espaço de aprendizagem onde o professor deve ter um aparato de recursos para poder planejar sempre trazendo novidades para seus alunos. O professor quando vai para escola também encontra outros desafios além da sala de aula, sejam estes sobre a realidade da escola, seja a falta de material para o trabalho, são situações diversas que este profissional se depara e tem que contornar para conseguir desenvolver sua aula. Por isso o professor é a peça chave da escola, pois ele contribui diretamente para a aprendizagem dos alunos.

O professor, além de estar bem preparado com seu conteúdo e um bom planejamento, precisa ter suporte didático para desenvolver com eficiência o seu trabalho. O apoio pedagógico, materiais didáticos e a estrutura escolar adequada são condições mínimas que se esperam de uma instituição escolar, ou seja, as condições de trabalho oferecidas aos professores deverão proporcionar a eles uma facilidade para que consigam envolver o aluno de maneira que ele não só goste de estar no ambiente escolar, mas permaneça nele.

Na fala da professora do primeiro ano, é visto que para ela a maior dificuldade é não conseguir planejar de forma que seus alunos avancem, e ela reclama a falta de acompanhamento dos pais na aprendizagem de seus filhos.

A escola precisa do apoio dos pais para realizar um bom trabalho, e para que haja esse apoio, a família precisa estar sempre presente na vida escolar do seu filho.

De acordo com Lunt e Sheppard *apud* Fontana (2002):

[...] em termos educacionais a importância da família não está restrita apenas à garantia para a criança de um ambiente doméstico seguro. Os pais também precisam demonstrar um interesse real pelas atividades escolares, do filho, uma vez que está positivamente associado ao progresso escolar da criança. (LUNT; SHEPPARD *apud* FONTANA, 2002, p.40).

O interesse dos pais, para com as atividades escolares do seu filho, é uma motivação para que o aluno faça suas tarefas escolares com mais empenho e dedicação. Diante dessa postura o aluno pode se sentir importante, amparado e procura se tornar o mais ativo possível no ambiente escolar.

Portanto, família e escola precisam caminhar juntas, através da educação, uma parceria para superar

as dificuldades, construindo o pleno desenvolvimento do educando.

Considerações Finais

Quando falamos de alfabetização temos a noção de que uma das primeiras coisas que devemos compreender enquanto profissionais da educação, é como a criança vê e se apropria do sistema da escrita.

Nessa investigação buscamos subsídios para reflexões acerca de compreender a prática pedagógica das professoras do Ciclo de Alfabetização no que se refere ao trabalho com a Psicogênese da Língua Escrita. A importância do conhecimento acerca do funcionamento da aprendizagem da escrita e de como a criança aprende, são saberes necessários à professora alfabetizadora, objetivando o desenvolvimento de situações significativas de aprendizagem, que venham possibilitar cada vez mais seus alunos a refletirem sobre o uso e a função social da escrita no seu cotidiano, assim como aspectos integrantes da organização do trabalho pedagógico na alfabetização.

Das três professoras pesquisadas, percebemos que as visões delas acerca do trabalho com a psicogênese da língua escrita no processo de alfabetização, são bem distintas. A professora do terceiro ano não trabalha com a psicogênese da língua escrita, nem faz uso de atividades em suas aulas que estimulem a escrita de seus alunos. A concepção de psicogênese da escrita segundo ela não tem importância se os alunos já estão alfabetizados.

A professora do segundo ano trabalha com sua turma com domínio, como professora/alfabetizadora, faz a sondagem da escrita das crianças para saber em que nível de escrita elas se encontram, e trabalha com os mais diversos gêneros textuais seguindo de atividades que sempre estimulam seus alunos, mostrando assim, compreensão sobre o trabalho com a psicogênese da língua escrita em sua prática pedagógica. Já a professora do primeiro ano, mostra um pouco de inexperiência, preocupação por não conseguir metodologicamente trazer para suas aulas atividades que permitam o avanço de seus alunos. Com relação a sua concepção acerca do trabalho com a psicogênese da escrita, não faz a sondagem com seus alunos, soube há pouco tempo sobre o conceito deste trabalho que deve ser realizado com os alunos que estão no processo de aquisição da língua escrita.

Portanto, podemos perceber o quanto se faz necessário trabalhar com atividades que avaliem e estimulem a aprendizagem da língua escrita dos alunos, principalmente nos três primeiros anos iniciais da alfabetização. É a partir do trabalho do professor nesse período de alfabetização que podemos observar ótimos resultados, e os alunos têm grandes possibilidades de aprender e de se tornarem leitores e escritores autônomos e críticos.

Referências

- ABOU, R.G. (Org.). **Contexto escolar e processo ensino aprendizagem: ações e interações**. São Paulo: Arte&Ciencia, 2004.
- BEHRENS, Marilda Aparecida. **Docência universitária: formação ou improvisação** Revista Educação, Santa Maria, v. 36, n. 3, p. 441-454, set./dez. 2011.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- FONTANA, D. **Psicologia para professores**. 2 ed. edições Loyola. São Paulo, 2002.
- KATO, Mary. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.
- KLEIMAN, A. **Preciso ensinar o letramento** Não basta ensinar a ler e a escrever São Paulo: Produção Editorial, 2005.
- SOARES, Magda. **Letramento e escolarização**. São Paulo: Global, 2003.
- SOARES, Magda. **Alfabetização: em busca de um método** Educação em Revista. Belo Horizonte, n.12, dez.1990.
- SOARES, Magda. Letramento e Escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2004. 287 p.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed, Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte, Autêntica, 1998.
- TFOUNI, L.V. **Letramento e Alfabetização**. São Paulo, Cortez, 1995.